



PAES, André Duarte. **Violência Transfigurada: um diálogo sobre representação e interpretação entre as artes visuais e as artes do corpo.** São Paulo: Unicamp. Artista-docente da Universidade do Estado do Amazonas – UEA do curso de Dança; Coordenador do projeto de extensão e produtividade acadêmica - ENTRECORPUS Companhia de Dança; Manaus – AM.

# VIOLÊNCIA TRANSFIGURADA: UM DIÁLOGO SOBRE REPRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO ENTRE AS ARTES VISUAIS E AS ARTES DO CORPO

| André Duarte Paes

## RESUMO

Este artigo aborda a violência intrafamiliar como diálogo de representação e interpretação entre as artes visuais e as artes do corpo no acervo de alguns artistas na atualidade. O estudo partiu de um olhar sobre a violência presente em muitos ambientes familiares como temática e sua influência na transfiguração de linguagens artísticas. A partir de um mapeado de obras artísticas que representam a temática da violência intrafamiliar, utilizou-se o método iconológico e iconográfico para promover reflexões e relações com novos saber/fazer artísticos.

### **Palavras-chave:**

*Violência. Artes.  
Representação.  
Interpretação.*

## ABSTRACT

This article addresses intrafamily violence as a dialogue of representation and interpretation between the visual arts and the body arts in the collection of some artists today. The study started from a look at the violence present in many familiar environments as a theme and its influence on the transfiguration of artistic languages. Based on a map of artistic works that represent the theme of intrafamily violence, the iconological and iconographic method was used to promote reflections and relationships with new artistic knowledge / actions.

### **Keywords:**

*Violence. Arts.  
Representation.  
Interpretation.*

## A gênese do diálogo

**A**tualmente nos deparamos com o rápido aumento da violência na sociedade e, mesmo estando ciente sobre todos os casos ligados a ela, podemos refletir sobre as consequências da violência submersa no complexo de emoções e relações afetivas, que tem como vítimas pessoas do grupo familiar. Muitos desses casos trágicos sociais são retratados na arte através de acervos que denunciam a violência intrafamiliar.

Sobre esse contexto, mapeamos algumas obras conferidas a este tema, proporcionando discussões na atualidade na perspectiva deste assunto, suscitando uma atividade de pensamento reflexível muito presente no cotidiano das pessoas (SEVERINO, 2017, p.81).

Em seguida nos debruçamos sobre uma breve análise das obras selecionadas através da interpretação iconológica e iconográfica segundo as teorias de Panofsky (1991). Vale ressaltar que a temática da violência intrafamiliar está cada vez mais inserida na sociedade, algo que podemos constatar por meio de relatos diários de boletins de ocorrência e reportagens que denunciam os horrores da violência intrafamiliar<sup>1</sup> (SEVERINO, 2017, p.94).

A intenção deste estudo é desenvolver um diálogo reflexivo sobre a violência intrafamiliar em obras artísticas. Os modos de representação e interpretação nas artes visuais, com seus múltiplos sentidos e significados, serão relacionando com as artes do corpo, pensando-as como forma de disseminação cultural (SEVERINO, 2017, p.92).

A pesquisa se apresenta como qualitativa, documental e bibliográfica, com base nos dados coletados. Como estratégia de busca estabeleceu-se e ampliou-se as informações disponibilizadas para este estudo. Realizamos um resumo crítico em relação aos conflitos humanos e sintetizamos os subsídios aqui apresentados para reflexão sobre o assunto em questão (SEVERINO, 2017, p.93).

## O diálogo entre as artes: violência transfigurada e interpretação violenta

---

<sup>1</sup> Termo que define um modelo de relacionamento abusivo no grupo familiar (MIURA, 2018, p. 2)

As obras das artes visuais aqui apresentadas foram mapeadas levando em consideração os limites da percepção genuinamente formal. Os significados das obras aqui apreendidas advieram pela simples identificação de: formas visíveis, objetos reconhecidos, experiência prática e pela identificação de mudanças relacionadas com os fatos aqui propostos (PANOFSKY, 1991, p.48).

Para assegurar a nossa seleção, tratamos as obras como foram concebidas de acordo com a intenção consciente dos artistas em representar tal contexto nas suas expressividades. Interpretamos as características descritivas e composicionais com suas qualidades e propriedades nelas inerentes como valores simbólicos através do método iconológico (PANOFSKY, 1991, p.52-53).

A triagem para a obtenção dos resultados aqui revelados passou pelo processo de análise dividida em duas fases: objeto e ato de interpretação. Estas foram subdivididas em três níveis avaliativos: descrição pré-iconográfica (observação e leitura dos elementos componentes da obra); análise iconográfica (consistência e combinação de imagens na obra); e, por último, a interpretação iconológica (significado intrínseco da obra) (PANOFSKY, 1991, p.64).

As obras aqui encontradas possuem características essenciais para o estudo, enquanto os outros tipos de significados dentro da obra foram considerados fenomenais. A interpretação advém da síntese do conteúdo crítico, a exata identificação dos motivos como requisito básico para uma correta análise iconográfica e a correto julgamento das imagens, estórias e alegorias como essenciais para a interpretação iconológica (PANOFSKY, 1991, p.54).

A crítica social é um dos entre tantos outros motivos que impulsionam muitos artistas a manifestarem, em suas obras, a relação do homem com o mundo e seu comportamento perante a sociedade. A produção de certas temáticas fica registrada em variadas formas de expressões em movimentos artísticos e culturais, gerando a compreensão de cada modalidade atingida.

Ao expressar o termo violência, percebemos os múltiplos significados deste vocábulo que vem sendo empregado para nomear desde os modos cruéis de tortura até as formas mais sutis de ação, havendo um lugar na vida moral e ética das pessoas que vivem em sociedade (PAVIANI, 2016, p.9).

A ascensão desses acontecimentos causa revolta e desespero na humanidade, gerando deformação social e rompendo com a harmonia entre as

peças. Uma desordem em estado de caos que toma a sociedade e, após esses momentos, fica marcada na memória (SANTOS, 2011. p.3).

Segundo Kandinsky (1996, p.27), “Toda obra de arte é filha de seu tempo e, muitas vezes, mãe dos nossos sentimentos”. Os artistas, em suas infinitas capacidades de criar e desenvolver seus domínios intelectuais, contribuíram com suas manifestações expressivas por meio de suas distintas características culturais, comunicativas e educadoras, que possibilitam ao homem buscar os percursos da sua autopreservação (SANTOS, 2011. p.3).

A violência representada nas obras a seguir foram selecionadas pelo tipo intrafamiliar definida por Ferrari (2002, p.81) e interpessoal definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Ambas são determinadas como violência de família e de companheiros que acontece geralmente nos ambientes familiares (PEREIRA; GONÇALVES, 2017, p.2)<sup>2</sup>.

Através dessas produções, os artistas revelaram cenários sombrios que vão além da forma, afligem e fazem os espectadores se atentarem para o tema proposto. São representações dos horrores marcados na sociedade, com traços nebulosos, personagens desfigurados, cenas bizarras, cujo efeito é impactante (KANDINSKY, 1996, p.127).

Recentemente, os setores preconceituosos têm se manifestado com histerismo, ou até mesmo má intenção, diante de vários movimentos artísticos. As interpretações equivocadas têm surgido pelo contágio de falsos moralistas que misturam denúncia com apologia, fazendo artistas de vítimas neste súbito assombro que assola o país.

Raros artistas oferecem explicações para a compreensão de seus trabalhos na intenção de serem úteis. Com isso, despertam meios apropriados de descobrir o que faz a necessidade de uma determinada obra, permitindo ao leitor agregar-se a uma experiência vivida da obra (KANDINSKY, 1996, p.163).

No entanto, “não deixa de oferecer perigos, porquanto o público tende a deleitar-se rapidamente com palavras de feição moderna, continuando a não entender nada” (KANDINSKY, 1996, p.163). Aos olhos de muita gente o fantasma da modernidade tornou-se subitamente decrépito, inútil e alheio, tornando-se necessário

---

<sup>2</sup> Optamos por não utilizar o termo ‘violência doméstica’ por geralmente nos remeter à imagem categórica da violência contra a mulher.

violentar-se para pensar. Hoje, qualquer obra é acolhida pelos insultos do grande público, do conhecedor, do apreciador e do crítico (KANDINSKY, 1996, p.163-165).

A arte questiona, implica, provoca, mesmo que seja em forma de repulsa ou desagrado. A arte traz reflexões que terminam em dar mais publicidade mesmo que sejam negativas. O tema incentiva as pessoas a procurarem sobre o assunto e aumentar mais a visualização sobre o objeto.

A obra *Criança Viada*, assinada por Bia Leite<sup>3</sup>, fez parte exposição coletiva *Queermuseu – Cartografia da Diferença na Arte Brasileira*, apresentada no Santander Cultural de Porto Alegre – RS. A obra respingou na cena artística de Brasília participando de várias exposições locais e recebeu vários prêmios pelo Brasil (LANNES, 2017).

A tela (figura 01) revela desenhos de meninos com os seguintes anúncios: “criança viada travesti da lambada” e “criança viada rainha das águas”. O conceito da obra, assinada por Bia, surgiu através de uma página criada no *Tumblr* pelo jornalista ativista LGBT Iran Giusti, em 2013, quando a artista resolveu unir fotos de amigos e amigas que já eram ‘pintosos’ na infância para lembrar e fazer uma celebração da comunidade LGBT (WARKEN, 2020).

O quadro possui cores alegres (amarelo, azul, vermelho, rosa e verde) que representam as cores do arco íris, significando felicidade e calma para o lar. O detalhe em preto pode significar elegância e força, transmitindo a sensação de segredo. Também podemos relacionar com o medo, a curiosidade e, algumas vezes, à lembrança emocional. No fundo branco prevalece a pureza e a segurança.

---

<sup>3</sup> Cearense formada em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília (UnB).

Figura 01: *Criança Viada* - de Bia Leite – 2017.



Fonte: Por Paulo Lannes – Metrôpoles – 11/09/2017.

A obra tem a finalidade de nos fazer pensar sobre as provocações que devemos enfrentar em relação às questões de gênero, diversidade e violência. Seja nas ruas ou até mesmo dentro de casa, admite-se ser uma realidade social e um apelo a todos por um direito a ser uma criança feliz (LANNES, 2017).

Uma ação foi promovida pelo MBL (Movimento Brasil Livre) acusando a artista Bia Leite de promover a pedofilia no quadro *Criança Viada*. Ademais, exigiram a anulação da mostra na galeria Santander Cultural de Porto Alegre/RS. Na verdade, a obra abordava a questão da homossexualidade na infância, o *bullying*, a transfobia na infância, dentre outros tipos de violência atribuídas na fase da juventude, não havendo nada de pedofilia nelas (LANNES, 2017).

Bia Leite comenta que essa temática era uma das mais abordadas pelo programa educativo da exposição no espaço Santander Cultural. No entanto, diversos protestos nas redes sociais anteciparam o encerramento do evento, alegando blasfêmia, insatisfação de alguns frequentadores da mostra e que as obras desrespeitavam símbolos, crenças e pessoas (LANNES, 2017).

O quadro *Pedofilia* fez parte da exposição *Cadafalso*, da artista plástica Alessandra Cunha<sup>4</sup>, que assina como Ropre. A exposição foi realizada em janeiro de

<sup>4</sup> Formada em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

2017 no MARCO (Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul) com o intuito de revelar as sequelas violentas do machismo na sociedade (SANCHES, 2017).

A crítica social sempre motivou as produções da artista com pensamentos em torno de temas isolados cheios de tabus. O intuito da obra era levar ao extremo a temática com a substituição da imagem do corpo feminino (que, por muito tempo, foi representado na arte) pela figura do corpo masculino, ousando cutucar as feridas da figura masculina com um tema bem desafiador ao focar exatamente no falo (pênis) como centro de poder (SANCHES, 2017).

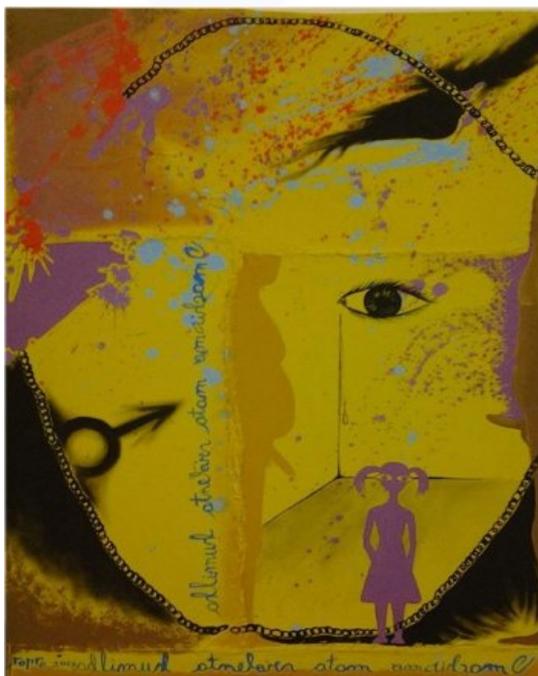
A autora explica que o tema é tabu e que nem pode citar o nome da própria pintura, *Pedofilia*, porque poderia causar ofensas, já que a obra em si não emite nenhuma imagem de violência, apenas denuncia a existência da problemática na sociedade. Tal situação a fez lembrar da obra ícone de Pablo Picasso, lançada em 1937, com o título *Guernica*. A obra chocou a sociedade espanhola ao revelar os horrores da guerra a partir de uma estética desajustada, o cubismo. Após muitos anos e na exposição Cadafalso<sup>5</sup> o caso se repete, chocando ao mostrar as violências do machismo (SANCHES, 2017).

A obra (figura 02) representa a imagem de dois homens na escuridão com os órgãos genitais aparentes em proporções maiores em relação à imagem de uma menina em tamanho bem menor e com os olhos esbugalhados. O lilás representa a pureza da criança à sombra dos homens numa espécie de perseguição. O vermelho simboliza o sangue gerado pela violência. Ao fundo do quadro, vê-se a representação de um olho com uma lágrima escorrendo. Também vemos a frase “o machismo mata, violenta e humilha” escrita de trás para frente (MELLO, 2017).

---

<sup>5</sup> Local onde as mulheres eram julgadas e queimadas vivas acusadas de bruxaria pela inquisição católica na idade média (SANCHES, 2017).

Figura 02: *Pedofilia* – da artista Ropre - 2017.



Fonte: Alessandra Mello – Estado de Minas – 14/09/2017.

O quadro causou polêmica por retratar a pedofilia e foi retirada pela polícia do MARCO (Museu do Mato Grosso do Sul) acusada de incitar o crime que, na verdade, a obra denunciava. A ação foi movida pelos deputados estaduais Paulo Siufi (PMDB), Herculano Borges (Solidariedade) e Coronel David (PSC), através de um boletim de ocorrência na DEPCA (Delegacia Especializada de Proteção à Criança e ao Adolescente) (SANCHES, 2017).

O delegado Fábio Sampaio, responsável pela apreensão da obra, interpretou como uma configuração de apologia ao crime de pedofilia ou ao criminoso, por se tratar de um quadro em que “aparecem dois homens com o pênis à mostra e uma criança no meio” (SIMÕES, 2017) o que levou à apreensão da obra.

Muitas pessoas preferem desconhecer o debate que a arte estabelece entre representação e apologia ao crime. Cada obra possui seu título questionador que denuncia a violência, a opressão e a submissão social gerada pelo comportamento dentro do ‘sistema patriarcal’. Porém, a sociedade, talvez por encontrar-se doente, não esteja disposta a essa conversa e prefere censurá-la.

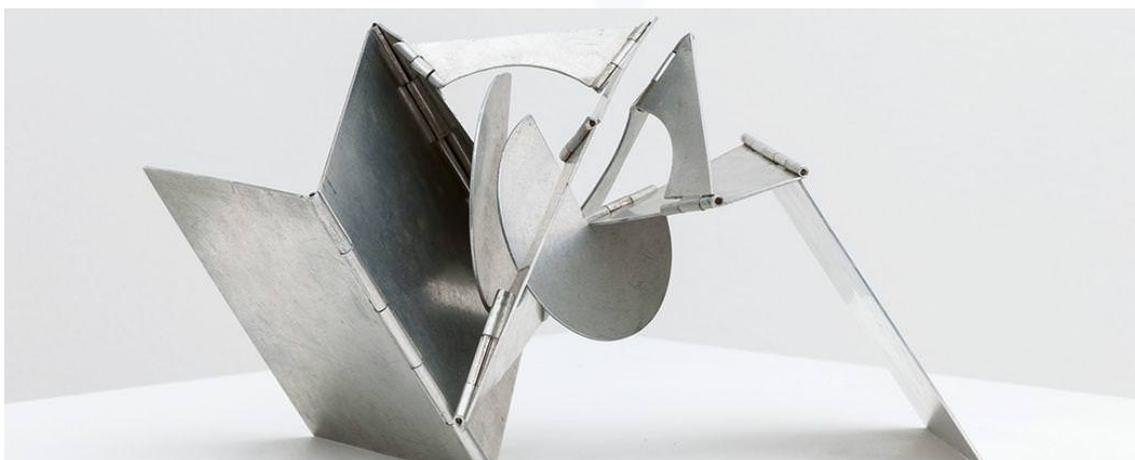
A partir dessas obras apresentadas, podemos perceber em comum entre elas a temática da violência intrafamiliar. Atualmente, por meio dessas manifestações artísticas, nunca se fez tão necessário refletir sobre o assunto em questão para atingir

a sociedade como um todo. “E a arte, em seu conjunto, não é uma criação sem finalidade que cai no vazio. É uma força cujo objetivo deve se desenvolver e apurar a alma humana” (KANDINSKY, 1996, p.126).

A obra *Bichos*, de Lygia Clark<sup>6</sup> (figura 03), não fez parte do mapeamento inicial deste estudo por não trazer como tema a violência intrafamiliar em seu conteúdo. Entretanto, fez-se necessário mencioná-la aqui por ter sido fonte de inspiração para a criação de uma outra arte na categoria performática assinada pelo performer Wagner Schwartz<sup>7</sup> (REDAÇÃO, 2017).

As esculturas feitas de alumínio pela artista Lygia Clark solicitam a interatividade do público. As formas expressas são simples e geométricas, nas quais as extremidades se aproximavam por dobradiças. A proposta era fazer o receptor interagir com a noção de articulação e desarticulação de um corpo criando uma ideia de linha orgânica (LISBOA, 2014).

Figura 03: *Bichos* – da artista Lygia Clark - 1960.



Fonte: James Lisboa – Escritório de Arte – 27/01/2014.

A obra Neoconcreta de Lygia Clark serviu de inspiração para a performance do artista Wagner Schwartz chamada *La Bête* numa interpretação expandida interdisciplinar. A performance fez parte do evento de abertura do *35º Panorama de Arte Brasileira*, realizada no Museu de Arte Moderna – MAM de São Paulo para um público fechado (REDAÇÃO, 2017).

---

<sup>6</sup> Pintora e escultora brasileira contemporânea nascida em Belo Horizonte em 1920.

<sup>7</sup> Performer, coreógrafo e escritor brasileiro de Volta Redonda/RJ.

A performance (figura 07) consistia na permanência do artista como escultura viva diante do público, que podia interagir com a obra movendo articulações do corpo. A apresentação não tinha conteúdo erótico e a classificação indicativa de nudez na performance estava claramente visível para orientação do público. Apesar de todo essa elucidação, o público reverberou com interpretações violentas a partir de um recorte da obra divulgado nas redes sociais (REDAÇÃO, 2017).

Figura 07: *La Bête* - de Wagner Schwartz – 2017.



Fonte: Da Redação – Lunetas – 28/09/2017

Existem artes que não são para todos e, para isso, existe a classificação indicativa de público. O receptor ainda não percebeu em que tempo vive e espera da arte algo meigo pintado à mão. “A atmosfera espiritual das grandes épocas é tão preta de um desejo preciso, de uma necessidade bem-definida, que se torna fácil fazer-se profeta” (KANDINSKY, 1996, p.164).

A obra de arte possui informações que você certamente consome inconscientemente através das várias linguagens artísticas. Em qualquer objeto artístico se faz necessário obter informações para poder interpretá-la. O desejo de querer compreender de imediato é torná-la simplista e medíocre. “A compreensão da arte é perniciosa. [...] Pode-se criticar ou explicar a forma; o conteúdo permanece

inacessível, ou, mais exatamente, só pode ser atingido indiretamente” (KANDINSKY, 1996, p.164).

A visão do público ainda é sexista – ‘só pensam naquilo’ e ignoram a subjetividade. O receptor pode até achar ruim, mas isso não lhe dá o direito de desprezar o trabalho dos outros só porque não lhe agradou ou não concorda com ele. “O medo da novidade, o ódio àquilo que não foi ainda vivido. A tendência a colar apressadamente a essa novidade, a esse desconhecido, uma etiqueta que vai matá-los” (KANDINSKY, 1996, p.166).

As palavras operam sobre o íntimo e despertam abundantes representações de uma experiência vivida da obra. Ódio e versos vazios são antigos cúmplices fiéis de tudo que é amplo e necessário. A odiosidade cuida de matar e as palavras vazias de enterrar, mas haverá ressurreição (KANDINSKY, 1996, p.166).

A partir desta apreciação carece pensar a violência como um fruto que necessita ser problematizado, acometido de forças, sem omitir e estar sensível às causas do cotidiano. “Aquele que olha uma obra de arte conversa, de certo modo, com o artista por meio da linguagem da alma” (KANDINSKY, 1996, p.127).

A violência intrafamiliar é uma realidade estatística. Os símbolos representados pelos artistas nas obras destacam essa dor e solidão sofrida pelas vítimas. Não desejamos mais minutos de silêncio. Denunciar é levantar a voz para enfrentá-la, criando meios para tornar visível a dívida que temos com as vítimas que querem deixar de serem vítimas para serem protagonistas de suas próprias histórias.

O interesse pela busca de novos impulsos para a experimentação cênica tem transportado vários artistas para lugares inimagináveis. Ao pensar a criação de uma obra os artistas são instigados a serem tocados por outras pessoas e por outras artes. As formas são percebidas com mais intensidade por cada uma das artes, permitindo-as ter relações mais profundas.

Ultimamente, os processos de criações artísticas têm revisto os seus conceitos e aplicado diferentes dinâmicas que dialogam com as outras linguagens da cena. Isto se deve aos criadores artesãos, que se nutrem e bebem de fontes prévias ao mesmo tempo em que observam e experimentam juntos novos meios de concepção artística (PEREIRA; MESQUITA, 2009 p.176).

O que mais instiga o artista é a introdução de outras linguagens artísticas que podem conversar com o seu acervo. A experiência para este momento pode

enquadrar-se num projeto piloto que põe à prova todos os envolvidos. Cada qual com suas características peculiares, mas repletas de ideias iniciais aliadas a uma combinação de novas possibilidades e linguagens. Um lugar que consegue realizar essa conversa entre as artes. (PEREIRA; MESQUITA, 2009, p.173).

As artes visuais que se encontram com as artes do corpo<sup>8</sup>, que se encontra com a música, o vídeo etc. A partir desses encontros surgem expressões cênicas expandidas que extrapolam os limites específicos de cada área artística. As fronteiras que separam as linguagens são rompidas e as práticas artísticas se expandem para fora das redes e dos sentidos que lhe são usualmente atribuídos (QUILICI, 2021).

Antigamente, a relação pictórica com a cena era somente decorativa ou remetia ao ambiente onde acontecia a narrativa da obra. Com a ruptura nas artes, no início do século XX, esse contexto vem se modificando e ganhando cada vez mais força na atualidade. Esse diálogo entre as artes vem assumindo esta dimensão que as colocam no plano de igualdade com os seus elementos musicais e coreográficos (PEREIRA; MESQUITA, 2009, p.173).

Hoje, os elementos cênicos na cena artística se tornam mais funcionais. Quando não se tornam inspirações para a criação artística por meio de uma possível tradução intersemiótica<sup>9</sup>, podem se tornar extensões da linguagem numa totalidade cênica. Uma complementaridade visual entre a temática e tudo aquilo que compõe a obra física e ideologicamente (PEREIRA; MESQUITA, 2009, p.174).

Essa energia de ação entre as artes proporcionou uma troca entre corpos numa parceria viva, ou seja, entre intérprete-corpo, intérprete-obra, intérprete-na-obra e a obra em questão. Esta metamorfose dilata o corpo e o movimento em momentos reveladores e ocultos muito observados, porém pouco analisados (PEREIRA; MESQUITA, 2009, p.173).

A partir da ótica do observador, termos vão surgindo cada vez mais e relações vão sendo construídas. É o crescente desejo de se comunicar através de uma linguagem inovadora para acompanhar os pensamentos e as necessidades atuais. É uma constante a busca incessante de formas expressivas corporalmente e cenicamente com mais significados, mais livres e mais pessoais.

---

<sup>8</sup> Termo utilizado para abranger diferentes linguagens artísticas ou gêneros artísticos que fazem parte das Artes do Corpo (a dança, o teatro e a performance) (GREINER, 2012).

<sup>9</sup> Sistema de transmutação de uma linguagem para outra, transferência da forma e da tradução entre um sistema verbal a um não-verbal (PLAZA, 1987).

No Brasil podemos identificar, no cenário artístico, algumas obras que dialogam artes visuais com as artes do corpo, numa interação de leituras e versões que modificam o espaço cênico, tanto no que se refere à plasticidade quanto à poética da cena (PEREIRA; MESQUITA, 2009, p.174).

O Corpo de Dança do Amazonas, na terceira versão assinada por André Duarte e Adriana Goes sobre a obra de Nijinsky *A Sagração da Primavera* (no seu centenário, em 2013) teve, como inspiração para a criação de uma das cenas, a obra de Pablo Picasso *Guernica*, que representa uma forte crítica aos horrores da guerra do fascismo alemão. Uma leitura criada a partir dos seguintes elementos: a luz solitária, a dor humana, a figura solar, a dor e o sofrimento maternal. Uma leitura que se modificou quando chegou no corpo e no espaço (SEC, 2015).

O Balé Experimental do Corpo de Dança do Amazonas trouxe para a cena, em 2019, o espetáculo *Paixões segundo Camille*, assinado pela artista amazonense Sumaia Farias, que, inspirada na vida da escultora Camille Claudel e suas obras, aborda a temática da impossibilidade da artista de assinar seus trabalhos devido à mulher não ter posição na sociedade machista de sua época. Quem assinava as suas obras era o escultor Augusto Rodin, que foi seu mestre e amante (G1, 2019).

A Entrecorpus Companhia de Dança, vinculada à Universidade do Estado do Amazonas como projeto de extensão e produtividade acadêmica, já abordou, em 2018, as obras do artista plástico René Magritte com o título *Isto Não É Dança*. O nome foi inspirado na obra icônica *Isto Não É Um Cachimbo*. O trabalho, assinado por André Duarte, trata justamente a interdisciplinaridade entre as linguagens artísticas e suas metamorfoses culturais no campo de expansão (PAES, 2018).

A Cia Druw, baseada em São Paulo e dirigida por Miriam Druwe, também traz, no seu repertório, criações baseadas neste diálogo entre artes visuais e artes do corpo com suas obras: *Vila Tarsila* (obra infantil que relembra as memórias de infância da pintora Tarsila do Amaral), *Dalí, Daqui ou de Lá?* (inspirada nos procedimentos do movimento surrealista), *Por Ti Portinari* (estudos sobre guerra e paz) e *Poetas da Cor* (celebra a inocência) (DRUWE, 2021).

A São Paulo Companhia de Dança lançou o filme *Amálgama* em dezembro de 2020. Obra propõe um olhar multifacetado para a produção cultural do século XX por meio dos cruzamentos possíveis entre as sete artes; arquitetura, cinema, dança, escultura, literatura, música e pintura. Quem assina é o coreógrafo Henrique

Rodovalho, que se inspirou nas obras presentes na exposição permanente *Visões da Arte no Acervo do MAC USP, 1900-2000* onde todo o contexto era dançado (MAC, 2020).

Essas são, entre tantas outras, algumas obras que surgiram a partir desse diálogo entre as artes. A direção de um olhar que modificou a percepção sobre as artes ao observar uma obra. O que é sentido e depois se transfigura em ações práticas que fluem trazendo provocações, perguntas ou respostas.

Cada arte se comunica diferentemente ou provoca de forma distinta. Os ângulos, movimentos e dinâmicas são elementos percebidos de forma variada. O diálogo é conduzido pelo receptor ou pelo intérprete que, juntos, constroem conceitos e vibram em movimentos que surgem entre artes visuais e artes do corpo.

O artista pode estar envolvido por outros artistas ou pelas próprias artes de outros autores e isto poderá causar interferência na forma como ele irá expressar sua arte. A arte do outro pode transformar a sua. O artista que se nutre desta constante troca poderá influenciar o resultado de seu trabalho.

Explorar esse tipo de colaboração só contribui para projetos inovadores, importantes e ricos para a cultura em geral. É a potencialização dos talentos com a interpretação do outro, conseguindo captar a essência de outros movimentos que dialogam, dando à obra movimento e transcendência.

As artes se articulam umas com as outras entre formas de saber e fazer. Toda uma experiência é promovida que faz surgir uma nova obra que tem outras artes no seu DNA, colocando em xeque categorias que situavam a arte em um campo cultural claramente definido.

### **Considerações finais**

**A** arte não existe somente para ser bela e contemplativa, mas também como objeto de discussão e reflexão de temas sociais. Os diálogos lançados sobre os temas são importantes para revelar as chagas insuportáveis da sociedade que acontecem silenciosamente e que precisam ser combatidas. Não podemos perder a oportunidade de discutir assuntos tão relevantes para a sociedade. A arte ainda nos ensina como romper as barreiras do mero olhar superficial sobre o mundo, contribui também com conhecimentos relevantes que vão além do contexto comum e são reflexos de nosso tempo e de suas contradições.

Não permitamos que oportunistas se aproveitem da arte na intenção de demonstrar avanços modernos para uma jogada de *marketing* ou fazer politicagem, incriminar e perseguir os movimentos artísticos. Estamos em uma época na qual queremos falar de todos os assuntos. Não deixemos que nos censurem com pensamentos errados, principalmente vindos de conservadores. Estes possuem uma perspectiva bem distante sobre arte e muitos a procuram para benefício próprio. O importante é não dar espaço para a intolerância e não tratar a arte desta forma, tirando proveito de movimentos importantes para a sociedade.

Devemos romper esse tabu, mesmo que as obras não tenham uma estética de fácil compreensão. Precisamos interpretá-las pelo conjunto da obra, sem retirar uma peça de dentro de seu contexto para que perca todo o sentido. Existem determinadas interpretações violentas que precisam ser reveladas e combatidas. Atenção à classificação indicativa nos espaços artísticos para evitarmos polêmicas que não sejam pertinentes à obra em questão. Os direitos são garantidos na Constituição Federal e nada justifica a censura que restringe a criação artística e a liberdade de pensamento.

Logo, pode-se ver que as linguagens artísticas são diversas e contribuem para ampliar a construção do conhecimento e a liberdade criativa. O diálogo entre as linguagens artísticas resulta em uma união que pode aguçar no homem o imaginário, além de sensibilizar, multiplicar os sentidos e estimular ações corporais que estabeleçam uma relação com seu meio social. Ademais, esse diálogo traz novas camadas de olhares e pensamentos em relação à temática da violência intrafamiliar, que muitas vezes deriva da cultura patriarcal.

## **Bibliografia**

DRUWE, Miriam. *Cia Druw de Dança Contemporânea*. Arte e Entretenimento. Disponível em: <https://www.facebook.com/Cia-Druw-250904428296162> Acesso em: 12/01/21.

FERRARI, D.C.A. *Definição de abuso na infância e na adolescência*. O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática (pp. 23-56). São Paulo: Agora, 2002.

GREINER, Christine. *Repensando as artes do corpo*. Revista do LUME – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais – Unicamp. N°2, nov. 2012.

G1, Am. *Série Guaraná XVI apresenta balé sobre Camille Claudel neste domingo (27) em Manaus*. Crédito: G1 AM. Publicado em: 27/10/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2019/10/27/serie-guarana-xvi-apresenta-bale-sobre-camille-claudel-neste-domingo-27-em-manaus.ghtml> Acesso em: 12/01/2021.

KANDINSKY, Wassily. *Do espiritual na arte e na pintura em particular*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LANNES, Paulo. *Artista de Brasília é autora de obra acusada de pedofilia pelo MBL*. Crédito: Entretenimento/Exposição – Metrôpoles. Em 11/09/2017. Fonte: <https://www.metropoles.com/entretenimento/exposicao/artista-de-brasilia-e-autora-de-obra-acusada-de-pedofilia-pelo-mbl?amp> acesso em: 08/01/2021.

LISBOA, James. “*Bichos*” – *a obra viva de Lygia Clark*. Crédito: Escritório de Arte. Publicado em: 27/01/2014. Acesso em: 16/01/2021. Disponível em: <https://www.escriitoriodearte.com/blog/artigos/bichos-obra-viva/>

MAC, USP. *Amalgama – obra audiovisual da São Paulo Companhia de Dança*. Crédito: MAC USP – OSESP. Publicado: 04/12/2020. Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/expos/2020/amalgama/home.htm> Acesso em: 12/01/2021.

MELLO, Alessandra. *Artista mineira tem obra confiscada pela polícia sob acusação de apologia à pedofilia*. Crédito: Política – Estado de Minas. Postado em: 14/09/2017. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2017/09/14/interna\\_politica,900720/artista-mineira-tem-obra-confiscada-pela-policia.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2017/09/14/interna_politica,900720/artista-mineira-tem-obra-confiscada-pela-policia.shtml) Acesso em: 10/01/2021.

MIURA, P.O., SILVA, A.C.S., PEDROSA, M.M.M.P., COSTA, M.L., & NOBRE, J.N.F. *Violência doméstica ou Violência intrafamiliar: análise dos termos*. Psicologia & Sociedade, vol. 30, e179670 – Belo Horizonte: Epub 13-dez-2018. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30179670>

PAES, André Duarte. *Entrecorpus Companhia de Dança*. Arte e Entretenimento. Fonte: <https://www.facebook.com/entrecorpusciadedanca/> Acesso em: 12/01/2021.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

PAVIANI, Jayme. *Conceitos e formas de violência*. Org. Maura Regina Modena – Caxias do Sul, RS: Educs, 2016.

PEREIRA, Claudia Matos; GONÇALVES, Luís Jorge. *A violência está no ar: olhares sobre a violência representada na arte*. Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UNICAMP. Nº5, v.3, São Paulo: REVISTAVISUAIS, 2017.

PLAZA, Júlio. *Tradução Intersemiótica*. Coleção Estudos. São Paulo: Perspectiva, 1987.

PEREIRA, Carina; MESQUITA, Talitha. *Dança Contemporânea: um olhar sobre as linguagens corporais de composição que se utilizam de objetos cênicos funcionalmente*. Seminários de Dança; o que quer e o que pode (ess) a técnica? Joinville: Letradágua, 2009.

QUILICI, Cassiano. *O campo expandido: arte como ato filosófico*. Revista Sala Preta – PPGAC. DOI: 10.11606/ISSN 2238-3867 vol.14. Dez, 2014.

REDAÇÃO, Da. *Performance no MAM polemiza e reacende reflexão: o que é arte?* Crédito: Notícias – LUNETAS. Publicado em: 29/09/2017. Disponível em: <https://lunetas.com.br/performance-mam-homem-nu/> Acesso em: 10/01/2021.

SANCHES, Izabela. *Artista tentou combater o machismo e a pedofilia, mas foi julgada no Cadafalso*. Crédito: Campo Grande News – 14/09/2017. Fonte: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/artista-tentou-combater-o-machismo-e-a-pedofilia-mas-foi-julgada-no-cadafalso> acesso em: 08/01/2021.

SANTOS, Adailton S. *O Papel das Artes no Combate à Violência*. Entrelugares: Revista de Sociopoética e Abordagens Afins. Vol.3, p. 3-12, 2011.

SEC, Am. *Secretaria de Cultura apresenta releitura de ‘A Sagração da Primavera’ no Teatro Amazonas*. Crédito: SEC-AM. Publicado em: 17/07/2015. Disponível em:

<http://www.amazonas.am.gov.br/2015/07/secretaria-de-cultura-apresenta-releitura-de-a-sagracao-da-primavera-no-teatro-amazonas/> Acesso em: 12/01/2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico* – 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SIMÕES, Lucas. *Após Queermuseu, quadro sobre pedofilia é censurado*. Crédito: Portifólio - Jornal O Beltrano. Publicado em: janeiro de 2017. Disponível: <https://www.obeltrano.com.br/portfolio/apos-queermuseu-quadro-sobre-pedofilia-e-censurado/> Acesso em: 08/01/2021.

WARKEN, Júlia. *Criança Viada: o que está por trás da obra que gerou revolta?* Crédito: Cultura – CLAUDIA. Publicado em: 14/09/2017 e atualizado em: 17/01/2020. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/cultura/crianca-viada-o-que-esta-por-tras-da-obra-que-gerou-revolta/> Acesso em: 10/01/2021.